



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ; REPENSANDO O ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elionice Lopes da Silva Carvalho – elioniceledes@bol.com.br

Orientador: Professora: Janete Santa Maria Ribeiro -

Linha de Pesquisa: Educação – métodos e técnicas de ensino.

RESUMO

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ; REPENSANDO O ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Partindo da realidade de que os alunos são diferentes em relação as suas capacidades, motivações, interesses, situações ambientais e estilos de aprendizagem, é que este trabalho se direciona. Visto que alfabetizar não se restringe á decodificação e a aplicação de rituais repetitivos de escrita e leitura, mas sim a um processo que começa a ser construído fora e antes da entrada da criança na escola. Discutir a prática pedagógica dos profissionais da educação, a partir de suas opiniões e buscar subsídios para entender e ajudar os educandos, sujeitos ativos do processo ensino aprendizagem, discutindo constantemente os fatores internos e externos que atingem o processo de construção de conhecimento.

Palavras chave: Alfabetização, pré-requisitos, relação/professor/aluno.

1 INTRODUÇÃO.

A partir de leituras e pesquisas, propõe-se neste trabalho, investigar as práticas de alfabetização desenvolvidas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, analisando literaturas sobre o assunto escolhido; identificando a opinião dos profissionais da educação em relação ao ensino da função social da escrita; descrevendo quais os tipos de saberes que os profissionais da educação utilizam na sua prática pedagógica alfabetizadora e investigando a importância da leitura na fase inicial da alfabetização.

Para que a criança se insira de forma plena no mundo da escrita é fundamental que alfabetização e letramento sejam processos simultâneos e indissociáveis, já não se podem pretender a um único método para a orientação da aprendizagem; mas uma articulação de procedimentos que alfabetizem e letrem propiciando á criança uma entrada plena no mundo da escrita. Justificando que a sala de aula é o espaço de criação e aprendizagem, onde nos dará novos sentidos na forma de como enxergar certas situações que nos ensinam a sermos pessoas melhores e ajudar no convívio da sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA E CONCEITO DA ALFABETIZAÇÃO

A Alfabetização é tão antiga quanto os sistemas de escrita, sendo a atividade escolar mais antiga. Para garantir que os sistemas de escrita continuassem a ser usado era necessário ensinar as várias gerações como fazê – lo, e quem inventou o sistema de escrita já forneceu a chave de decifração. A linguagem escrita é uma das características que diferencia o homem dos demais seres. O homem descobriu formas de representar os seus desejos, seus sentimentos e especialmente as suas idéias desde os tempos mais primitivos, e a escrita desde os tempos mais remoto de acordo com os relatos de alguns autores é um fato social.

Por longo tempo a alfabetização foi entendida como mera aquisição de habilidades relativas a leitura e a escrita. A própria palavra alfabetizar, etimologicamente, tem o significado de levar a aquisição do alfabeto, ou seja ensinar o código da língua. (CAGLIARI, L.C. 2007, p. 17).Em decorrência desse entendimento, sempre se deu prioridade à prática mecânica de exercício do código escrito, que visava à leitura e escrita de sílabas e palavras descontextualizadas, desprovidas de significado. Essa prática transformava a alfabetização em uma atividade sem sentido, visto que a linguagem trabalhada era geralmente distanciada do seu uso real e de sua função primordial.

A alfabetização é considerada segundo o minidicionário LUFT (2002, p. 52):

[...] ato de ensinar a ler, que vem a ser a transmissão de conhecimento qual leva a pessoa que está aprendendo a um nível de entendimento com uma melhor estrutura de conteúdos estudados.

A alfabetização não se restringe apenas a dotar os indivíduos de certas habilidades para ler e decodificar símbolos e letras. Ao se alfabetizarem, os indivíduos também se instrumentalizam para compreender e reconstruir a sua realidade. De posse desse instrumento da cultura e da civilização, os educandos podem ampliar a sua relação com o universo, com a realidade histórica das relações sociais e consigo mesmo. Alfabetizado, o indivíduo vê aumentadas as possibilidades concretas de uma participação efetiva na construção da realidade histórica, pois se apossa de instrumentos que o capacitam a compreender e expressar sua relação com o mundo.

A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, alfabetizar – se corresponde a compreender para que servem os sinais da escrita e de que modo eles se articulam no tecido da escrita.

Para (Ribeiro, 2003, p. 91), a "alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever".

Alfabetizar não é simplesmente fazer o indivíduo decorar letras e palavras, mas é propor ao aluno o conhecimento das letras e palavras no sentido real de assimilar o que realmente está lendo e escrevendo, é fazer com que o aluno se prepare para viver em sociedade.

O processo de alfabetização passou por algumas mudanças, somente após os anos 80, até então permaneceu intocada, sendo compreendida somente como ensino – aprendizagem da leitura e da escrita como habilidades a serem adquiridas pelos educandos em sala de aula, onde aplicava – se os métodos presentes nas cartilhas, os quais desenvolvem na criança habilidades de coordenação motora, discriminação visual e auditiva, levando - os a formação de frases muitas vezes sem significado e deixando a desejar na construção de uma leitura de mundo.

Ensinar esse processo de alfabetização, favorece para a criança a

leitura e escrita de frases, esse método de decorar letras e sílabas impede o desenvolvimento da leitura de mundo, atualmente tão expressiva e ligada ao nome letramento.

A habilidade de ler e escrever são colocados na base de todo o sistema de ensino do qual é um pressuposto operacional. A alfabetização é o momento onde os indivíduos iniciam o conhecimento da escrita e da leitura através de códigos e da compreensão de sons e letras para a transformação da alfabetização, a qual parte do alfabeto e assim dá a junção dessas letras para descobrirem palavras usando-as em sua convivência humana em todos os locais por aonde vão.

Um indivíduo inicia o processo de alfabetização mesmo antes de entrar na escola, pois ele já faz a sua leitura de mundo e já identifica muitas palavras como rótulos de produtos, emblemas etc., porém mesmo assim, para ser alfabetizado ele precisa querer ser alfabetizado e a alfabetização não tem dia marcado para acontecer, quem determina a aprendizagem é o aluno, seu momento histórico, sua capacidade de aprender.

A alfabetização é caracterizada pela ação de ensinar os alunos códigos de leitura e escrita, alfabetização e letramento são processos distintos e devem caminhar juntos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares as condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita, considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também as contribuições de outras áreas como a psicologia da aprendizagem, a psicologia cultural e as ciências da linguagem. Ainda segundo o que consta nos parâmetros curriculares letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever.

Desta forma, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas.

O aparecimento do letramento ao lado da alfabetização ocorreu devido a mudança na maneira de se considerar insuficiente a aquisição da leitura e da escrita para se viver em sociedade, sendo necessário reconhecer a

possibilidade e a necessidade de promover a conciliação entre alfabetização e letramento, sem perder, porém a especificidade de cada um dos processos, pois alfabetizar não basta, é preciso promover o letramento, mesmo sabendo que apesar de a alfabetização e o letramento serem processos distintos não se tornam sucessivos, o ideal porém é alfabetizar letrando.

Tfouni (1995, p. 20), relata que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio–históricos da aquisição de uma sociedade”.

Letramento é um conceito muito recente, pois foi introduzido na linguagem da educação há pouco mais de duas décadas. Entende-se que letramento é o processo de compreensão em que um ser humano apropriou-se da escrita e transformou-a em suas práticas sociais e adquiriu um conhecimento de mundo melhor estruturado.

Para Cagliari (2007, p.10), a [...] “alfabetização é sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa”, segundo o autor o processo de alfabetização é composto de regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente.

Segundo Ferreira (apud IESDE BRASIL S/A):

Alfabetizar não é luxo, é um direito. E é preciso garantir esse direito as crianças deste continente. Mas isso não é o mesmo que pretender que essas crianças saibam desenhar letras, ou que saibam pronunciar palavras que não entendem. Isso não é estar alfabetizado. Queremos é dar – lhes o direito de se apropriarem da língua escrita em toda a sua complexidade. Dar-lhes o direito de saber ler criticamente a palavra escrita pelo outros e o direito de, escrevendo seus próprios textos, colocarem suas próprias palavras. (IESDE BRASIL S/A, 1997, P. 344)

Alfabetizar vai além do restrito espaço da sala de aula. É necessário fazer relações entre os elementos que compõem o universo do aluno, desde sua família até as suas necessidades básicas, como alimentação, saúde, entre outros, permitindo, assim, que a criança faça uma leitura de mundo de forma consciente, participativa e crítica. Desse modo, provoca transformações, porque a alfabetização tem uma função social e todos necessitam aprender como seres ativos dentro de um processo histórico.

De acordo com Jean Pierre Benichou, (apud BARBOSA, 1994, p. 40),

imobilizada pela concepção de leitura propaganda pelas metodológicas tradicionais, a escola não se deu conta:

- 1) Da importância da leitura na vida cotidiana do trabalho e do lazer;
- 2) Da variedade de situações de uso da escrita instituída pelo mundo contemporâneo;
- 3) Do que fazemos quando lemos;
- 4) Do papel da intencionalidade do autor nos usos que faz do impresso.

Com base nestes referenciais, é necessário entender como funciona o sistema alfabético na dinâmica do seu uso (a leitura), que tem por objetivo produzir um leitor/escritor competente, ler, portanto, é dialogar com o texto, estabelecendo interlocução significativa, ou seja, não apenas decodificação de letras. Desde o início da alfabetização, o professor deve incentivar seus alunos a lerem criticamente, a fim de apreenderem a realidade humana na qual estão inseridas. Deve ser explicado a eles que a leitura é muito importante por que nos possibilita pensar sobre a sociedade em que vivemos e sobre as condições de vida dos homens dessa sociedade. Ler é uma prática de natureza social, é um processo de interação verbal entre pessoas que estão determinadas pelas relações sociais de seu tempo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros, sendo assim é importante que o educando seja levado a posicionar – se criticamente diante do texto, que aprenda a efetuar uma análise detalhada desse texto para perceber a intenção do autor, suas idéias e sua inserção na sociedade que lhe é contemporânea.

Sendo assim, pode se dizer que o letramento começa antes do processo de alfabetização, o indivíduo que nasce num ambiente rodeado de materiais escritos e de pessoas que usam a leitura e a escrita já começa a ser letrado.

Segundo Soares:

Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais da leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone; sabe escrever e

escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldades, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita. (JORNAL DO BRASIL, 2000)

A revista Nova Escola (2001, p. 17), cita que os jornais são importantes fontes de letramento. De suas páginas é possível extrair informações e lazer. Para isso, porém, é preciso aprender a lê-los. E isso pode ser feito antes mesmo da alfabetização.

É essencial dar vários materiais impressos para a criança que não é alfabetizada ainda, pois vendo fotos, imagens ela pode fazer uma leitura e assim ir se apropriando da leitura e da escrita, desta forma o letramento inclui a capacidade que temos de nos instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações, aquela que mais nos interessa.

Segundo a autora, enquanto a alfabetização dedica-se ao ensinar/aprender a ler e a escrever, o letramento consiste não apenas em saber ler e escrever, mas ao cultivo das atividades de leitura e escrita que respondem às demandas sociais de exercício destas práticas. Tratam-se, portanto, de ações pedagógicas que, embora distintas, processam-se de forma complementar e simultânea, de modo que possam ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, tornando-se o aluno ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Uma dificuldade que a concepção de letramento apresenta é de como diferenciar um alfabetizado de um letrado. Faz-se necessário, porém, retomar o pressuposto já explicitado de que o letramento comporta a dimensão individual do domínio técnico de ler e escrever desenvolvido no âmbito da alfabetização, e a dimensão cultural, com um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita e seu uso segundo o padrão das exigências de determinado contexto social. Pautando se nesta concepção, pode-se distinguir o âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, que se refere à aquisição das habilidades de ler e escrever, e o âmbito que inclui a prática dessas habilidades em atividades significativas para a formação cultural, científica e ideológica do aprendiz.

Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz conseqüências

sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la. Em outras palavras do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever, alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, têm conseqüências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüísticos.

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como conseqüência de ter-se apropriado da escrita.

Segundo Cavazotti (2006, p. 11), a prática pedagógica do aprendizado da leitura e da escrita por meio da cartilha perdurou durante o longo período que chamamos de ensino tradicional. Este método, centrado no domínio do código, revelou-se suficiente dada às condições históricas próprias do aprendizado da leitura, tais como o uso privilegiado da escrita (as cartas, os bilhetes, os registros de compra etc.) como recurso de comunicação entre interlocutores distantes, em razão da ausência de outros meios técnicos.

Entretanto, o processo crescente de expansão e globalização do capital, ao intensificar as relações sociais recíprocas de interdependência entre sujeitos de classes sociais, comunidades, regiões e países diversos, produziu também novos processos de comunicação quanto aos seus meios e conteúdos. Trata-se de um processo comunicacional dotado de tamanha rapidez, de tal simultaneidade entre a produção e a recepção de grande número de informações que passou a exigir novos patamares de leitura e de escrita, denominados pelos estudiosos de letramento.

Recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente. Assim podemos compreender que o processo educacional de acesso à leitura e à escrita modifica-se, pois o educando é instado a inserir-se nas práticas sociais de leitura e escrita, ultrapassando a mera aquisição da “tecnologia do ler e escrever”. (SOARES, 2003, p. 21).

Entretanto, no que se refere à alfabetização, como momento inicial do processo educativo do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, cabe

ênfatizar, que esta etapa se caracteriza pelo fato de desenvolver, juntamente com os conteúdos relativos à textualidade (coesão, coerência, unidade temática, clareza, concordância pertinentes à codificação/decodificação (letras, sílabas, famílias silábicas, direção da escrita, segmentação etc.).

Por fim, como decorrência da adoção de novos conteúdos dos processos educativos do ensino da leitura e da escrita, pressupõe – se também novos processos, metodologias e estratégias para seu ensino aprendizagem.

Também cabe examinar o processo social de comunicação, cujos avanços tecnológicos criam necessidades próprias de produção de um leitor e de um escritor capaz de se apropriar e de interpretar as informações que circulam na intensa rede de relações que se estabelece na sociedade.

2.2 A IMPORTÂNCIA DOS PRÉ-REQUISITOS PARA A ALFABETIZAÇÃO

Segundo Drouet (2003, p. 27), “a criança está pronta para aprender quando ela apresenta um conjunto de condições, capacidades, habilidades e aptidões consideradas como pré-requisitos para o início de qualquer aprendizagem”.

De acordo com a autora quando se fala em prontidão, portanto não se refere apenas a uma habilidade, mas a um conjunto de habilidades que a criança deverá desenvolver de modo a se tornar capaz de executar determinadas atividades, e que o início da escolarização no nível de primeiro grau deve ser precedido de uma avaliação das capacidades e habilidades da criança. Isso é importante, pois evita que ela inicie um curso para o qual talvez ainda não apresente os pré-requisitos exigidos.

Se a criança tiver cursando a Educação Infantil, seguramente já terá desenvolvido essas capacidades ou então demonstrado suas deficiências, ao final da Educação Infantil, o educador poderá ter o resultado dessa avaliação, pois a Educação Infantil é voltada para o desenvolvimento integral do educando, ou seja, que visam a uma prontidão não só para a escola de primeiro grau, mas para a vida.

Se a criança não recebeu educação na Educação Infantil, cabe ao educador da 1ª série do Ensino Fundamental fazer essa avaliação. Logo no

início do ano letivo, antes qualquer tentativa de ensino e antes mesmo de se elaborar um planejamento de atividades, deve-se fazer uma avaliação diagnóstica de todas as crianças matriculadas na 1ª série. Não se deve matricular uma criança nessa série inicial apenas porque ela completou 6 ou 7 anos. A avaliação diagnóstica consiste em submeter às crianças a uma série de provas que reúnem todas as capacidades, habilidades e aptidões necessárias à aprendizagem.

O primeiro mês de aulas, conhecido como período preparatório, deve ser reservado para essas provas de avaliação. Esse período sondagem das capacidades da clientela que vai iniciar o curso está sendo proposto em substituição ao treino psicomotor que é feito nesse primeiro mês.

De acordo com as características individuais dos alunos, o educador poderá definir os tipos de testes de prontidão a que eles deverão ser submetidos para atingir um bom nível inicial de aprendizagem e com certeza, estará evitando futuros distúrbios de aprendizagem. (DROUET, 2003, p. 27).

A prontidão para aprender já foi definida por vários autores, onde a maioria tentaram considerá-la como em nível suficiente de preparação para iniciar uma aprendizagem, ou uma capacidade específica para realizar determinada tarefa, as diferenças individuais seriam, na realidade, diferenças na prontidão para aprender.

O preparo para iniciar a leitura e a escrita (alfabetização), segundo as autoras depende de uma complexa integração dos processos neurológicos e de uma harmoniosa evolução de habilidades básicas, como percepção, esquema corporal, lateralidade, orientação temporal e espacial, ritmo entre outros.

Uma criança sem o preparo necessário (os pré – requisitos), pode apresentar durante a alfabetização, dificuldades relacionadas à coordenação motora fina e a orientação espacial, não sabendo, por exemplo, segurar o lápis com firmeza, unir as letras enquanto escreve, ou como posicionar a escrita no papel. Também é possível encontrar crianças que só conseguem copiar textos e durante um ditado não conseguem escrever. Podemos falar também sobre as dificuldades de interpretação de texto, de compreensão, de raciocínio lógico e ainda nas dificuldades emocionais. Complexos de inferioridade, insegurança, medo de situações novas, medo de ser repreendida, medo de errar, de não

corresponder às expectativas dos pais, apatia, indiferença ou indisciplina e revolta, problemas de socialização, baixa auto – estima, e outros.

A escola não deve pular etapas do desenvolvimento, isso é extremamente prejudicial e trará conseqüências futuras para a criança, nas áreas pedagógicas, emocional e social.

2.3 ASPECTOS EMOCIONAIS E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Não há dúvidas que o processo de aprendizagem é complexo e em muitos casos dolorosos, pois envolve fatores internos e externos do individuo sujeito a aprender. O ambiente agradável estimulador influencia na qualidade da aprendizagem, visto que este mexe com o emocional do individuo.

A aprendizagem é o centro de toda a educação. Qualquer que seja o objetivo [...] sempre estará ocorrendo uma interação entre estudante e professor. Como esta interação é executada depende em grande parte de como o professor estruturou o local ou o ambiente da aprendizagem. Segue-se, portanto, que o professor tem a responsabilidade fundamental de entender como uma pessoa aprende e que condições afetam sua aprendizagem, e se todas as habilidades são aprendidas da mesma maneira ou são afetadas pelos mesmos tipos de variáveis e situações. (MAGILL, 1998, p. 2)

O ambiente doméstico tem um papel importante na determinação da vida acadêmica da criança, pois, “um ambiente estimulador e encorajador em casa produz estudantes adaptáveis e muito dispostos a aprender, mesmo entre crianças cuja saúde ou inteligência foi comprometida de alguma maneira.” Neste sentido, as crianças também se tornam mais seguras e alto-confiantes, acreditando no seu potencial e que é capaz de realizar suas atribuições. Já os desprovidos de incentivo e afeto, tendem a apresentarem fracas habilidades sociais, insegurança, medo. Entre vários fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem, como a alimentação, tipos de moradia, condições econômicas, entre outros, estão os aspectos emocionais, uma vez que estes se relacionam, pois são vários os fatores que afetam o emocional do individuo, como fatores orgânicos, sociais, econômicos, entre outros como, família desestruturada, falta de relacionamento com a mesma, colegas e professores,

baixa auto estima, etc. são aspectos emocionais que interferem no processo ensino aprendizagem.

A criança precisa de seu tempo livre para pensar, agir e interagir com o meio de forma espontânea e prazerosa, onde seus pensamentos estejam em harmonia com o ambiente e não em conflitos, pois os registros são automáticos, espontâneos, não dependem exclusivamente do indivíduo, o que quer ou não registrar na memória. “Cada idéia, pensamento, reação ansiosa, momento de solidão, período de insegurança são registrados em sua memória e farão parte da colcha de retalhos da sua história existencial, do filme da sua vida”. (CURY, 2003, p. 106). De acordo com Cury, a emoção é quem determina a qualidade do registro, “quanto maior o volume emocional envolvido em uma experiência, mais o registro será privilegiado e mais chance terá de ser resgatado”. (2003, p.108).

Neste sentido fica explícita a influência dos fatores emocionais no processo ensino aprendizagem, pois este requer do educando uma capacidade mental de registro de informações para a formação de conceitos sendo estes produtores de conhecimento. Porém, quando o emocional da criança está bem alicerçado, bem firmado em pensamentos positivos tudo tende a ir bem.

Como afirma Fontana:

Quando as crianças vêm de um ambiente familiar que ensina padrões significativamente diferentes daqueles ensinados na escola, elas vivenciam um quase inevitável conflito conceitual e emocional. Isso pode ficar aparente se elas vem de grupos étnicos minoritários ou de grupos social e economicamente desfavorecidos, ou de uma família violenta ou agressiva. (1998, p. 42)

A intensidade da influência dos aspectos emocionais no processo de aprendizagem da criança varia de acordo com a reação da criança como também da intensidade em que este se apresenta. Neste sentido vê-se a necessidade do professor conhecer a criança para interferir na vida acadêmica destas, pois se a família é desestruturada, cabe a escola conhecer o aluno e procurar ajustar-se às regras sociais de forma mais adequada para não causar maiores frustrações para a criança em relação ao ambiente lar e escola. Uma vez que as regras de convívio são diferentes e não aceitas em ambos os ambientes. É de fundamental importância pelo menos amenizar o impacto da

criança em relação à escola e ao lar. A criança precisa viver num ambiente de amor, afeto e compreensão. Quando a criança não encontra afeto em casa ela procura fora, daí a importância de o professor conhecer e aceitar a criança, vendo-a como um ser único, inocente sem culpa de não conseguir adquirir os fatores necessários para o seu pleno desenvolvimento, o qual procura no professor as possibilidades de se relacionar suprimindo as faltas não adquiridas no lar. Porém se o professor também não estiver disposto a auxiliá-la, a mesma irá demonstrar as suas necessidades, seus sentimentos nas atividades de vida diária como também nas atividades escolares. O professor deve estar preparado para trabalhar com as diferentes situações emocionais de seus alunos, pois, o relacionamento familiar, as atitudes vivenciadas em casa podem influenciar no comportamento dos alunos em sala de aula, como também interferir no trabalho escolar, pois, ele pode conhecendo seus educandos, promover um elo afetivo, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

O professor que busca construir é aquele que consiga de verdade ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Que tenha entusiasmo, paixão; que vibre com as conquistas de cada um de seus alunos [...]. (CHALITA, 2001, p. 177).

De acordo com Cury, quando se ensina a matéria estimulando a emoção dos alunos ocorre à desaceleração do pensamento, melhorando a concentração e assim o registro ocorre de forma privilegiada, ou seja, uma melhor armazenamento de mensagens e com isso a aprendizagem. Quando os pais e ou professores não provocam a emoção dos jovens, estes não educam, mas apenas informam. É necessário despertar, mexer com a emoção do indivíduo. Aconselhar ou orientar sem emoção não gera "momentos educacionais" na memória, porém, há pequenos gestos e expressões que podem contribuir significativamente para a formação da personalidade da criança, descartando os gritos e pressões que podem gerar traumas e conflitos internos. Como também as brincadeiras e os apelidos pejorativos feitos em sala de aula podem gerar experiências angustiantes que proporcionam grandes conflitos. Neste sentido fica explícito a importância de se proteger a emoção para se ter qualidade de vida.

De acordo com os estudos realizados, como já mencionados, observa-se que os aspectos emocionais possuem grande interferência no processo ensino aprendizagem, porém fica explícito que assim como os fatores que causam traumas entre outros que interem negativamente no desenvolvimento do indivíduo, estão os aspectos emocionais que contribuem para aprendizagem e conseqüentemente para a formação pessoal do indivíduo. Vê-se que a escola, em especial o professor, possui um papel importante de promover um espaço em que o aluno desenvolva um equilíbrio emocional, sendo envolvido pelo desejo de aprender, ter auto estima, a escola pode promover um espaço escolar, onde ocorra a troca de informações entre a família e escola.

É de suma importância que o professor programe suas aulas, estruture os conteúdos a serem trabalhados e a metodologia utilizada auxiliando os educandos a resolverem conflitos emocionais, evitando o gerenciamento de pensamentos negativos e angustiantes.

No entanto cabe ao professor empenhar-se para despertar nos alunos, o espírito de cooperação, de trabalhar em comum, e não apenas no individualismo, no egocentrismo, mas incentivar o respeito mútuo e cooperação, e com isso a auto-estima esta sendo trabalhada, conceitos relevantes para se desenvolver um bom trabalho coletivo .

Ao se falar da formação do professor na realização do seu trabalho cumprindo o papel de educador, Freire, (1999, p.23) afirma que: é necessário refletir criticamente sobre a prática / teoria, para que ambas se completem. Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar condições para sua produção ou a sua construção, pois, quem em forma se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. A educação envolve frustrações, medos, desejos, por isso, exigem do educador uma competência geral, não apenas da área específica, mas ligados a atividade docente. Ensinar exige alegria e esperança em juntos produzir conhecimentos, resistir aos obstáculos. Exige a convicção de que a mudança é possível. Acreditar que algo está sendo, e não é, onde cada um é responsável pela mudança. O professor deve conhecer as diversidades culturais de seus alunos bem como, valorizar seus conhecimentos prévios, incentivando-os a fazer sua leitura de mundo. É

fundamental que professor e alunos saibam que sua postura é dialógicas, abertas, curiosas, indagadora, e não apassivada. A curiosidade é fundamental. Assim, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio. O trabalho do professor se torna mais eficaz quando, ama seus alunos, respeita seus pensamentos, auxiliando-os na construção de sua própria autonomia. (FREIRE, 1996, passim).

O bom profissional da educação deve ter competência para ensinar, postura para refletir e analisar a própria prática e a partir da análise efetuar ajustes e melhorias na prática pedagógica em sala de aula. O docente não deve ser um mero transmissor de conteúdos previamente definidos, mas um sujeito que pensa e analisa criticamente seu ofício. O bom profissional da educação deve lançar mão de estratégias variadas até obter as melhores soluções para garantir a aprendizagem do educando. A afetividade possui um papel importante na formação do sujeito. O professor deve amar o que faz, pensar no outro com amor, dedicação, respeitando o potencial de cada um bem como estar ciente de que cada um possui uma habilidade específica, por isso deve-se saber dar e receber afeto. “Educação – o afeto é a solução. Não é possível combater a insensibilidade, o desrespeito, a falta de solidariedade, a apatia, a não ser pelo afeto”. (Chalita 2001,p.264).

3- Análise Bibliográfica .

A pesquisa traz como situação problemática que: as práticas de alfabetização desenvolvidas nas séries do Ensino Fundamental estão contribuindo para o letramento de alfabetizar os alunos ?

Alfabetizar não se restringe à decodificação e a aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo, a alfabetização é um processo que começa a ser construído fora e antes da criança ir para a escola.

Ferreiro (1990, p.15) se sustenta na idéia de que o fator determinante da aprendizagem é a atividade do próprio aprendiz, ou seja, na idéia da interação do sujeito com o objeto do conhecimento – interação esta em que o professor vai

desempenhar um papel menos relevante do que lhe destinava o ensino tradicional, uma vez que não lhe cabe mais ensinar, mas criar um ambiente alfabetizador.

Segundo Soares (2004, p. 19) alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”. A insuficiência para criar objetivos e procedimentos de ensino e de aprendizagem que pode justificar o surgimento da palavra letramento. Foi uma consequência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando os comportamentos e práticas de uso do sistema de escrita em situações sociais em que a leitura ou a escrita estejam envolvidas.

Aprender a organizar e a produzir textos não só em situações específicas de aprendizagem, mas graças aos seus usos sociais da escrita que o adulto lhe propicia: bilhetes, cartas, recados, lista de compras, receitas culinárias, bilhetes da professora, redação da escola.

Um grave problema é que há pessoas que se preocupam com alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos.

O grande problema das salas de aula é o fracasso do sistema de alfabetização na progressão continuada, a criança precisa ser alfabetizada convivendo com material escrito de qualidade. A leitura que pode ser feita, por exemplo, com o jornal, que é um portador real de texto, que circula informações, ou com a revista ou, até mesmo, com o livro infantil. Tem que haver uma especificidade, aprendizagem sistemática seqüencial, de aprender.

Não é novidade que o Brasil ainda enfrenta insistentemente o problema do analfabetismo, tanto de crianças que saem da escola e de outros que não tiveram a oportunidade de se apropriarem do saber da leitura e escrita. É fato que o nosso país possui um número significativo de indivíduos que não adquiriram o saber necessário para atender às exigências de uma sociedade letrada.

Uma pesquisa intitulada "Provão do Fantástico", aplicada em 27 capitais brasileiras (somente em escolas públicas), avaliou que mais da metade dos alunos não é capaz de responder a questões que requerem raciocínio e 60% só conseguem identificar informações muito simples.

De acordo com informações (MEC/INEP, 2001):

980.000 crianças na 4ª série do ensino fundamental não sabem ler.

1.600 são capazes de ler apenas frases simples.

Com isso, fica subentendido, pelo aspecto sócio interacionista, que a alfabetização do indivíduo, não será alcançado por completo, não há um ponto final. A realidade é que existe a extensão e a amplitude da alfabetização no educando, no que diz respeito às práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Neste âmbito, muitos estudiosos discutem a necessidade de se transpor os rígidos conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, e assim, considerá-la como a relação entre os educandos e o mundo, pois, este está em constante processo de transformação. E o indivíduo para não ser atropelado e marginalizado pelas mudanças sociais deverá acompanhar, através da atualização individual, o processo que levará ao crescimento e desenvolvimento. Não que o educando não tenha qualquer saber antes da alfabetização, pelo contrário, sabemos que todo indivíduo possui, de alguma forma, níveis de conhecimento. Por meio de atividades que envolvem textos, as crianças poderão refletir sobre o uso e função dos diferentes gêneros, além de proporcionar, gradativamente, a compreensão acerca do código alfabético. É preciso incentivar e valorizar a leitura, antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se aprende com a leitura: mas isso só será possível por meio de atividades que façam sentidos, que visem à compreensão de leitura desde as etapas de alfabetização. A forma que os textos vão ser trabalhados irá depender da criatividade e competência por parte do professor.

A dificuldade é um nível que estará presente nas situações cotidianas, o importante é encontrar formas de superá-la.

O que não podemos é deixar de lado a oportunidade de fazer uso das diferentes formas de alfabetizar.

Buscar formas de tornar o ensino mais eficaz e também estimulante, aliar o prazer e o divertimento às situações de ensino – aprendizagem que possibilitam em um trabalho com a dimensão lúdica na escola; isto é perfeitamente possível quando direcionado para a alfabetização.

Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que as crianças aprendem a ler. Muitas têm no ambiente escolar, o primeiro (e, às vezes, o único) contato com a literatura. Assim fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vivemos, influenciados pelos avanços tecnológicos e diferenciadas linhas de pensamento, onde a concepção de mundo também mudou, dificultando os trabalhos sociais, como também o desenvolvimento pessoal do indivíduo.

Pois, na realidade os alunos são diferentes em relação a suas habilidades, motivações, interesses, situações ambientais e estilos de aprendizagem, e as crianças não conseguem expor seus sentimentos de forma explícita, por motivos de medo de represálias, entre outros, devido a fatores internos e externos, desta forma estes vão interferir no processo de construção de conhecimento.

Entre vários fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem, estão também os aspectos emocionais. Quando os pais e ou professores não provocam a emoção dos jovens, estes não educam mas apenas informam. É necessário despertar, mexer com a emoção do indivíduo. Quando a criança se encontra bem estruturada emocionalmente, realiza uma aprendizagem significativa e prazerosa.

O conhecimento está integrado às diferentes situações em que vivenciamos, de acordo com a nossa realidade, e nossas oportunidades de experiências. Neste sentido vê-se a necessidade de o professor ter embasamento teórico para poder relacionar teoria e prática visando conhecer o educando, bem como a forma como ocorre o processo de aprendizagem, buscando estratégias diferenciadas de trabalho para sanar as necessidades específicas, de cada aluno.

A alfabetização nas séries iniciais em muitas escolas ainda são trabalhada de forma mecânica através de métodos convencionais, os professores não se arriscam em mudar suas metodologias e se preocupam muito com codificação dos símbolos. Como professores, é fundamental ensinar o valor da palavra e o quanto ela representa e é importante para o homem, ensinar a respeitá-la e com ela estabelecer uma relação de fé, porque é da palavra que usamos para transmitir nossa verdade. Portanto, é de suma importância desenvolver em nós uma "cultura de leitura", pois só assim seremos aprendizes e formadores de opinião em todo ambiente social e

democrático que estivermos.

A realização desse trabalho fortalece ainda mais a idéia de que formação de pequenos leitores e escritores estão na alfabetização, é fato que sonhar é uma necessidade incessante, que ao finalizar esse trabalho é necessário lançar um desafio aos professores alfabetizadores, ficar atento aos avanços e as teorias ultrapassadas as quais não estão suprindo a emergência da sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO José, Elizabete & Coelho, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo – SP, Ática, 2003.

BARBOSA, J.J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo - SP, Cortez, 1994. Ver – (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor)

CAGLIARI, L.C.: **Alfabetização & lingüística** .São Paulo – SP, Scipione, 2007.

CAVAZOTTI, M. A, **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Alfabetização** / Curitiba: IESDE, 2006.

CHALITA, G. **Educação – a solução está no afeto**. São Paulo: 2001.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FONTONA, D. **Psicologia para professores**. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 1998.

FERREIRO, E. **Entrevista, Revista Nova Escola**. São Paulo -SP, n.34, p.12 – 19 outubro, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª. Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUFT, C.P. **minidicionário Luft**. São Paulo – SP: Ática, 2002

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: ABDR, 1998.

MEC. / Inep , 2001.

PCN's (**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**). Língua Portuguesa / Secretária de Educação Fundamental. – Brasília v.2, 1997.

RIBEIRO, V.M. (org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo – SP :Global,2003.

REVISTA NOVA ESCOLA, **Diálogo entre o ensino e aprendizagem, E** . Telma Weisz, Ed. Ática , março,2001, n° 190, ano XXI .

SOARES, M.B,Alfabetização : **a ressignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania**. P.09 ,2003,Revista Brasileira de Educação – ANPED

SOARES, M.B,Alfabetização e Letramento : Caminhos e descaminhos . In Pátio Revista Pedagógica. Leitura e Escrita em questão . Ano VIII , n°29, fevereiro/abril 2004.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo –SP, Cortez , 1995.